



JÁ NÃO SE FAZ GAÚCHOS COMO ANTIGAMENTE !-CRÔNICA

FHE **POUPEX**



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista .Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB),do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende onde é titular da cadeira Conde de Resende e, Itatiaense de História,sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.Serviuiu no Estado-Maior do II Exército 1976/1977 , atual CMSE Desde 1978 esta ligado a Resende onde foi

instrutor de História Militar na AMAN.E onde desde 1980 possui casa no Bairro Jardim das Rosas em Ita

Crônica digitalizada da Revista CACIMBA –Gauchesca Bimestral mar/abr 1996 para disponibilizá-la no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado a AMAN e em levantamento para disponibilizá-lo no Programa Pergamium de bibliotecas do Exército

Cacim

0 REVISTA GAUCHESCA BIMESTRAL - MARÇO/ABRI





CRÔNICA

Cláudio Moreira Bento

Presidente do Instituto de História e Tradições do RGS

Em CACIMBA, Revista Gauchesca Bimestral mar/abr 1996,p.8.

Dirigida e editada por Icaro Cerqueira

JÀ NAO SE FAZ MAIS GAÚCHOS COMO ANTIGAMENTE?"

Filho do Rio Grande, por contingências de carreira, há 30 anos vivo fora dele corporalmente, mas presente em espírito. Estudioso e divulgador de sua gesta heróica, convivo intensamente com meios historiográficos de todo o Brasil. E deles sempre colhia um sentimento de respeito e admiração pelos gaúchos que, inclusive, por força das armas definiu sua opção de ser brasileiro, pelo que até abdicou, por cerca de 45 anos, seu ideal republicano, depois de sua experiência republicana farrapa de nove anos.

Povo que se forjou em cerca de 300 anos de lutas e tensões bélicas descontínuas, desde que Bandeirantes destruíram as reduções que seriam substituídas pelos Sete Povos.

Este longo período imprimiu nos gaúchos duas características sociológicas: Firmeza e Doçura que os simbolistas farrapos incorporaram ao seu brasão, desde 1891, também o do Rio Grande do Sul, sob a forma de dois amores-perfeitos e que um desenhista distraído substituiu por duas estrelas, fraudando a ideia dos constituintes gauchos de 1891.

FIRMEZA que traduziam em combate por garra, bravura, determinação de vencer, sem pedir ou aceitar vantagem. DOÇURA traduzida após a vitória como respeito como religião à vida, à família, ao patrimônio e a honra do vencido inerme.

E ninguém melhor que o insuspeito acadêmico da ABL, o fluminense Oliveira Vianna em POPULAÇÕES MERIDIONAIS DO BRASIL (Rio, 1952) definiu melhor a projeção histórica do gaúcho na construção da Integridade, Unidade e Soberania do Brasil no Sul e, agora, a Escola de Samba Vila Izabel do Rio, ao focalizar a gesta gaúcha com o belo enredo • A HERÓICA CAVALGADA DE UM POVO, cujo samba enredo diz a certa altura: "E o gaúcho foi aclamado como herói!"

Isto contrasta com o que a Mídia vem noticiando sobre parcela do povo gaúcho, invasões de edifícios e propriedades rurais em desrespeito ao ordenamento jurídico. Pleito de vantagens que imigrantes paulistas, açorianos, alemães, italianos nem sonharam ou tiveram dos governos, e construíram cidades prósperas em locais então sertões de difícil acesso.

Em razão disto, nos citados meios historiográficos, vez por outra, com uma ponta de ironia me perguntam: ***"Pelo visto já não se fazem gaúchos como antigamente?"*** Parece que estão muito chorões e dependentes de políticas paternalistas que a altanaria de seus antepassados jamais ousaria pensar.

Como historiador confesso não ter resposta para o fenômeno que acompanho preocupado pela Mídia e cuja resposta deva ser dada por sociólogos, ou cientistas sociais e líderes políticos. Sempre me ensinaram que a História estuda o Passado, para entender-se o Presente e, assim, com medidas reais planejar-se a construção do Futuro. Ou que "a História é a mestra das mestras, a mestra da vida!" Ou como definiu Cícero em seu imortal Oratório: "A História é a testemunha do Passado, a luz da verdade, a vida da memória histórica, anunciadora dos tempos antigos."

E pelo que tenho constatado a História do Rio Grande do Sul está há algum tempo órfã e, por via de consequência, a sua filha diletta - a Tradição, que se constitui, segundo Shersteton, "na Democracia dos mortos" - e, no caso em tela, se os gaúchos vivos, conscientes, respeitarem e cultuarem o

que os gaúchos que passaram para o andar de cima construíram ou fizeram, o que se assemelha aos mortos voltarem e estarem contribuindo por meio dos vivos na construção do futuro do povo do Rio Grande do Sul.

Mas a História do Rio Grande do Sul está com poucos historiadores e sem livros de História! Constatar é obra de simples verificação !. E sem perspectiva e identidade históricas que o estudo da História possibilita, pouco é possível se fazer . É impositivo que os governos e a iniciativa privada apoiem a elaboração e edição de trabalhos de História do Rio Grande do Sul que foram varridos da Mídia.

Contam-se nos dedos das mãos, artigos de profundidade histórica e com apoio em fontes confiáveis à luz da Heurística publicados em jornais!

Observação neste mesmo nº traz uma reportagem;

JOAQUIM PAULO DE FREITAS, LEGITIMO HOMEM DO CAVALO enviadoa por Paulo Quevedo ,com apoio no que sobre ele escreveu o Eng Agronomo Dirceu Pires Terres.E personagem e articulista meus conterrâneos canguçuenses que conheci. Joaquim Paula de Freitas nome de CTG do interior de Canguçu, e quando eu adolescente o conheci num baile de Campanha em Canguçu. Ele cercado de amigos e tomando cerveja sem parar e de vez enquanto saindo no patio “para tirar água do Joelho!Ai vai o seu retrato que a Revista publica montando o seu cavalo malacara, aos 83 anos. E eu ja estou beirando os 85 e ainda sou motociclista !!!

Dizem que ao ser examinado pelo medico este recomendou-lhe: “ **Amigo Joaquim Paulo, se queres recuperar a saúde de três coisas terás de te privar.Humidade, Alcool e montar cavalo** ” E Joaquim Paulo respondeu :” **Das duas primeiras prometo –lhe me abster . Mas quanto a não montar é- me impossivel . Se por acaso ,tiver que viver mais 10 anos sem montar os meus cavalos criouloa , prefiro morrer já!**”



“Joaquim Paulo de Freitas, tradicional gaúcho de Canguçu, aos 83 anos de idade, montado em seu crioulo “Malacara”, pingo de confiança e de sua predileção.”